



**DILMA ROUSSEFF: ANÁLISE SEMIÓTICA DO PODER VIGILANTE  
SOBRE O FEMININO DURANTE O PERÍODO DO IMPEACHMENT DE 2015-2016**

**DILMA ROUSSEFF: SEMIOTIC ANALYSIS ON THE VIGILATING POWER  
ON THE FEMININE DURING THE PERIOD OF THE IMPEACHMENT OF 2015-  
2016**

Laura Cecilio<sup>1</sup>

**Resumo**

O trabalho observa as presentificações de Dilma Rousseff em relações de visibilidade midiática a partir do discurso jornalístico presente em capas do jornal de circulação nacional *Estado de S. Paulo*, e, embasando-nos em concepções de poder em Michel Foucault e outros autores contemporâneos, utilizamos da semiótica discursiva e da sociosemiótica para questionar como formase o simulacro da mulher como presidente do Brasil em tempos de crise política.

**Palavras-chave:** Gênero; Semiótica discursiva; Sociosemiótica; Vigilância; Visibilidade midiática.

**Abstract**

The work observes Dilma Rousseff's presentifications in relations of media visibility from the journalistic discourse present in covers of the newspaper of national circulation *Estado de S. Paulo*, and, basing ourselves on conceptions of power in Michel Foucault and other contemporary authors, we use discursive semiotics and social-semiotics to question how the simulacrum of women as president of Brazil is formed in times of political crisis.

**Keywords:** Gender; Discursive semiotics; Social-semiotics; Vigilance; Media visibility.

Os simulacros do feminino formam o principal tema da pesquisa de mestrado em andamento e pretende trazer à discussão as presentificações desses femininos nas mídias brasileiras de grande circulação, no que tange os impressos dos séculos XX e XXI. É através da sociosemiótica e da semiótica discursiva que analisamos como se constroem esses simulacros, que sentido produzem e como se dão os efeitos subsequentes. Averiguamos também o fazer do discurso midiático como enunciador e destinador de simulacros da construção do ser mulher e analisamos os procedimentos de enunciação que instalam papéis

---

<sup>1</sup> Laura Mariane Cecilio é mestranda em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: lauramcecilio@gmail.com.

de homens e de mulheres que circulam nas mídias, mostrando como estes fazem o ser social a partir das figuratividades que se constroem nas linguagens sincretizadas da mídia impressa. Além disso, a pesquisa pretende investigar como seus efeitos se articulam com a produção de sentido do fazer-ser mulher dentro das mídias e sua relação com as mulheres “reais”.

O corpus da pesquisa parte dos diversos nomes de mulheres brasileiras famosas por sua profissão e sua incidência nos jornais de grande circulação, “O Estado de S. Paulo” e “Folha de S. Paulo”, durante estes últimos dois séculos. Assim sendo, o corpus se delimita pela seleção de uma mulher por década, seja ela atuante nos campos da política, da ciência ou da arte, partindo das configurações qualitativas de cada ocorrência de seu nome por matéria jornalística e também pelos recortes de cor e classe social. Pretendemos, então, neste breve artigo, analisar algumas das matérias relacionadas à Dilma Rousseff, primeira mulher a ser presidente do Brasil, que está presente na totalidade da pesquisa do mestrado. Para tanto, iniciamos o artigo trazendo concepções de poder assumindo o simulacros postos à comunicação como políticos e sujeitos destinatários de manipulação.

## **I.Poder: Vigilância, Visibilidade**

Na história do poder absoluto, nos tempos de monarquia-soberania, seu modo de funcionamento se caracterizou como um processo de contração de recursos e forças do centro para distender-se em direção a alvos periféricos, seguido de nova contração em direção ao centro. Tratava-se de um poder de ação intermitente, sempre visando esmagar ou aniquilar seu alvo. Em *No mesmo barco*<sup>2</sup>, no capítulo dois, *Atletismo estatal sobre o espírito da megalopatia*, Sloterdijk retrata a formação do Grande, o Estado de Atenas, como uma reunião do soberano em busca de homens para que se discuta política e a evolução do império. Nascer de atenas, sendo o estado um invólucro imaginário e agente esquizofrênico, é nascer na configuração política do útero social, e é neste momento que se insere na sociedade o atletismo estatal: jovens homens pertencentes a famílias atuantes do centro são convocados para ocuparem academias filosóficas, escolas de oradores, conselhos principescos, reuniões populares e recebem adestramento como forma de educação; uma forma de incumbir à nova

---

<sup>2</sup> SLOTERDIJK, P. *No mesmo barco*: ensaio sobre a hiperpolítica. Trad. Claudia Cavalcanti. - São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

elite filosófico-militar a criação de novas gerações de excelência.<sup>3</sup> Os atletas do estado, entendidos como classe dominante, sabem tanto exercer o poder sobre o trabalho pesado, como ordenar.

Diante das diferenças sociais impostas pelo próprio Grande, surgem produtos do mesmo foro político que produz reis e artesãos na mesma ninhada. Surgem instituições como o mecenato, que fomenta o homem pelo homem, e biótopos, para individualidades que se elevam em prazer. Enquanto isso, as faíscas detonadas de baixo<sup>4</sup> matam as pessoas, caçam-nas, adestram-nas, escravizam-nas, estupram-nas, etc. A diferença se estende como hoje nós conhecemos como formação de classes, e o mal<sup>5</sup>, como estado de exceção à parte do estado de direito, percorre entre estas divisórias. O pobre, sobrecarregado, aprofunda-se no que lhe é de direito de miséria à mercê do burguês, cuja casta, cada vez mais luxuosa, evolui junto às dificuldades, justamente por ter mecanismos para lutar contra isso.

Na concepção de relação de poder de Foucault<sup>6</sup>, a sociedade deixa de ser absolutista e torna-se disciplinar. O funcionamento do exercício de poder é assimétrico e ele se exerce permanentemente. Ao invés de agir partindo das instâncias das autoridades para a periferia, submetendo, o poder se irradia da periferia para as autoridades, sustentando-as; ao invés de esmagar e confiscar, ele incentiva e faz produzir. O poder disciplinar torna-se um sistema “integrado”, ligado do interior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo. O poder não mais é um objeto de pertencimento a uma figura dominante sobre os dominados, mas sim uma concepção de relação de poder entre os indivíduos.

Em *Vigiar e Punir*<sup>7</sup>, Michel Foucault delibera o poder como uma vigilância hierarquizada de disciplinas, que

“não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um “chefe”, é o aparelho inteiro que produz “poder” e distribui os

---

<sup>3</sup> Idem, p. 37.

<sup>4</sup> Termo utilizado por P. Sloterdijk em *O desprezo das massas* (2002), p. 37.

<sup>5</sup> O conceito de *mal* utilizado no referente fragmento foi retirado sob concepções Giorgio Agamben em seu livro *Meios Sem Fim: Notas sobre a política*, Belo Horizonte: Autentica, 2015.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. Tradução: Roberto Machado. - 4. Ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

indivíduos nesse campo permanente e contínuo e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar.” (FOUCAULT, 2012, p.174).

Esta vigilância contínua, que não se dá propriamente personificada mas sim distribuída hierarquicamente, se orienta por meios de símbolos dos meios de comunicação de massa, o que Sloterdijk chama de princípio do programa<sup>8</sup>. A massa midiaticizada, estilizada e colorida substitui a massa preta clássico-moderna e o entretenimento substitui a descarga. Derivando dessa forma de poder vigilante, a visibilidade midiática faz uso do controle de sistemas tecnoimagéticos<sup>9</sup>, invisibiliza o real “para se desdobrar no âmbito simbólico da cultura, expurgando outras formas possíveis de visibilidade do mundo e, conseqüentemente, outros modos de percebê-lo e compreendê-lo” (TRIVINHO, 2012, p. 121).

A visibilidade midiática, segundo Trivinho, inclui três lógicas específicas que compõem sua concepção e correspondem essas à finalidade dromocrática, ou seja, de fácil acesso e ágil veiculação, de fragmentação e saturação dos elementos sócio-culturais onde está embutida, e sua presença cibercultural, cuja essência é um auxílio enzimático no processo de cumprimento dessas duas primeiras lógicas. A responsabilidade dessa estrutura de poder reducionista faz compreender, a partir de seu consumo, uma totalidade da existência humana e da vida em geral que é o que dela se apresenta, “figurando isto como o que se presume essencial de cada época e a cada época”, tendo-a como sujeito atuante que condiciona um segundo a ver e a não ver.

## II. Corpo, simulacro e gênero

Na dissertação de Simone Bueno da Silva, *A construção do corpo na mídia semanal (2007)*<sup>10</sup>, a autora trabalha com os simulacros<sup>11</sup> de corpos construídos pelas revistas *Veja*, *Época* e *Istoé* e questiona como essas fundamentam seu discurso:

---

<sup>8</sup> SLOTERDIJK, P. **O desprezo das massas**: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. Trad. Claudia Cavalvanti. - São Paulo, Estação Liberdade, 2002.

<sup>9</sup> TRIVINHO, Eugênio. **Glocal, visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real**. - São Paulo: Annablume, 2012.

<sup>10</sup> SILVA, Simone Bueno da. **A Construção do corpo na mídia semanal**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

<sup>11</sup> Entende-se por *simulacro* (termo retirado em Greimas e Courtés, em sua obra *Semiótica: dicionário razonado de la teoría del lenguaje*. Tomo II. Biblioteca Românica Hispânica, Gredos, 1986.) como uma operação discursiva montada no texto verbal, visual, audiovisual, entre outros, que modela o mundo que está no exterior. Em outras palavras, uma construção segundo uma dada axiologia, que ao ser colocada em discurso (enunciação,

“Tal discurso atua na construção de simulacros generalizantes de corporeidades, investindo em um padrão de corporeidade que se orienta pela perspectiva da saúde e da beleza. Entretanto, o modelo de corporeidade assinalado bem como os conceitos e noções instituídos em torno deles não correspondem necessariamente a verdades absolutas sobre a saúde ou beleza, mas a estruturas modelares que atuam na redução e neutralização das diferenças, apontando para a edificação de estereótipos.” (BUENO, 2007, p. 82).

Entendendo esses simulacros enquanto enunciados que põem em relação valores e axiologias do social, A. C. de Oliveira (2010)<sup>12</sup> explana que as delegações de vozes tidas em um discurso, sob um dado papel narrativo “articulam um conjunto coeso de valores, conhecimento que é postado nos discursos, transformando-os em porta voz social”. Esses sujeitos deixam-se apreender por suas marcas, traços que configuram o simulacro, que expressam em seus discursos os valores sociais.

A edificação de estereótipos fornecida pela mídia se materializa em muitos aspectos, tanto na busca da mulher pelo corpo ideal, quanto pela sua posição de trabalho, posição social, com quem está relacionada, entre outros fatores de objetação. Os simulacros são formados a partir deste discurso midiático encontrado em revistas impressas, programações de TV, literaturas, propagandas, música, etc e não só agem como formadores de opinião, mas figurativizam o que antes era a personificação da soberania sobre a expressão das massas. Ao propor uma reflexão pressupondo dimensões de gênero, semiótica e política, analisamos a capa a seguir, tendo de primeira frente muitos elementos visuais que intervêm por si próprios uma comunicação. Primeiramente, a circulação da cor azul em todo o jornal: na marca do jornal, nas votações do impeachment à direita, nos detalhes das reportagens como as barras divisórias e no anunciador na parte interior da página. A cor azul que traz ao leitor sensações<sup>13</sup> de imensidão, frescor, calma e água, percorre por toda a capa, mesmo que por presenças pontuais, ela se faz presente como uma totalidade. Quase que de imediato, vemos a foto do rosto da ex-presidenta Dilma Rousseff em chamadas, cuja imagem traz consigo sensações de queimadura, perigo e emoção atenuantes. Essa sensação é provocada visualmente pela

---

tematização e figuratividade) intervêm com seus efeitos de sentido no enunciado e com eles nos coloca em relação enquanto sujeitos.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei de. **Discurso midiático como experiências do sentido**. Por uma tipologia das interações discursivas. Anais do XIX Encontro da COMPOS/ PUC Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

<sup>13</sup> Sob uma concepção gestalthiana.

sobreposição de cores e se sobressai totalizando uma abrangência na maior parte do espaço do jornal.

Ao partir para o verbal na capa, notamos que a manchete não traz a maior foto da capa como sua correspondente. A imagem tem um texto relativo, mas, que por sua topologia e eidética, age apenas como uma notícia-legenda. Seus dizeres “Fogo Olímpico” que novamente remetem à sensação de queimadura, está, na verdade, noticiando o discurso da então presidenta ao acender a tocha das Olimpíadas.

Figura 1: Fogo Olímpico.

# O ESTADO DE S. PAULO

Quarta-feira 4 de maio de 2016 | R\$ 4,00 | 137 anos | 100 mil exemplares | www.estado.com.br

## Janot denuncia Lula na Lava Jato e pede investigação contra Dilma

Presidente e ex-presidente são acusadas de tentar arruinar operação • Delação de Dólcido e nomeação de Lula para Casa Civil serviram de base • Procurador quer inquérito também para ministro Cardozo e mais 29 pessoas • PGR also vê indícios contra Temer

A Assembleia Geral do Inquérito do Ministério Público Federal (MPF) denunciou nesta quarta-feira o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a ex-presidente Dilma Rousseff por tentarem arruinar a operação Lava Jato. O MPF também acusou o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Carlos Farias de tentar impedir a investigação.



### PLACAR DO IMPACAMENT

PSDB	50
PT	20
PMDB	10

### PSDB deve ficar com Cidades, AGU e Itamaraty

O PSDB deve ficar com o Ministério das Cidades e a Agência de Defesa do Meio Ambiente (ANAMMA), segundo o acordo de divisão de ministérios anunciado pelo presidente Dilma Rousseff.

### Partidos podem ao STF que afaste Cunha

Partidos podem pedir ao STF que afaste o ministro do STF Joaquim Barbosa.

### Ex-presidente da OAB critica impeachment

Ex-presidente da OAB critica o processo de impeachment de Dilma Rousseff.

### "Esta organização criminoso já está pedindo financiamento por fontes ocultas de suas fontes de apoio e agitação social"

### Fogo olímpico

Os Jogos Olímpicos de Verão de 2016 começam nesta quarta-feira em Rio de Janeiro.

### Journal do Carro

Veículo do mês: Honda Civic.

### Ted Cruz desiste, Trump é candidato

Ted Cruz desistiu de concorrer à presidência e Donald Trump é o candidato republicano.

### Projeto leva ao fim do bilhete do WhatsApp

O projeto de lei que aprova o bilhete do WhatsApp foi aprovado pelo Senado.

### Alunos invadem Assembleia de SP

Alunos invadiram a Assembleia Legislativa de São Paulo para protestar.

### Dilma deixa 'bomba fiscal' de R\$ 10 bi

Dilma Rousseff deixou uma reserva de R\$ 10 bilhões para o futuro.

### ÚLTIMAS UNIDADES

#### NOVO HB20 COMPLETO

até R\$ 39.990,00

VEJA NO JORNAL DO CARRO

Legenda: Capa do Jornal O Estado de S. Paulo, 4 de maio de 2016, ano 137, nº 44759. Fonte: Acervo Estadão: <<<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#/1/20160504-44759-nac-1-pri-a1-not>>>. Acesso em: 20/10/2018.

Figura 2: Destaques da mesma capa.

Destaque no texto  
referente à manchete



Destaque no texto  
referente à imagem

Legenda: Capa do Jornal O Estado de S. Paulo, 4 de maio de 2016, ano 137, nº 44759.  
Fonte: Acervo Estadão: <<<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160504-44759-nac-1-pri-a-1-not>>>. Acesso em: 20/10/2018.

Portanto, a manchete “Janot denuncia Lula na Lava Jato e pede investigação contra Dilma” age, através do enunciador, como um sujeito destinador de manipulação através figuratividade presente na capa, e se apropria da imagem de uma notícia secundária para trazer ao destinatário em seu discurso o percurso de uma intimidação. O simulacro construído da mulher em questão, ao analisar a foto, se dá pela construção de um olhar pousado no fogo, um olhar pousado no futuro do fogo, da destruição, do caos. Um olhar que encara o futuro que “há por vir” por um viés diabólico, e o que há por vir, segundo o percurso proposto pelo jornal é sua investigação na Lava Jato.

Ao analisarmos essa segunda imagem, também capa do jornal *O Estado de S. Paulo* com a presentificação da então presidenta Dilma Rousseff, observamos novamente a predominância do azul: na marca do jornal e na imagem. Desta vez, a topologia das cores formam uma concepção de uma imagem outra além de um simples retrato de Dilma. O

vermelho, figurativizando uma tarja, presentifica um silenciamento, enquanto que o azul, nos olhos e no nariz, dão a ideia de uma inundação ou mesmo de um afogamento. O cinza logo abaixo do vermelho mantém a ideia do uso de cores claras, que pode causar uma sensação de continuidade do azul. Ao lidarmos com o texto verbal presente na capa, a manchete, unida à figuratividade da imagem, nos remete que o destino seja esse mesmo: azul, de afogamento e inundação, ao mesmo tempo que também leva-nos, pelo vermelho, a um destino de interrupção, de basta, de silenciamento.

Figura 3: O destino de Dilma e do Brasil nas mãos da Câmara.



Legenda: Capa do Jornal *O Estado de S. Paulo*, 17 de abril de 2016, ano 137, nº 44742. Fonte: Acervo Estadão: <<<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160417-44742-nac-1-pri-a-1-not>>>. Acesso em: 20/10/2018.

Figura 4: Destaques da mesma capa.

Destaque no texto  
referente à manchete



Legenda: Capa do Jornal *O Estado de S. Paulo*, 17 de abril de 2016, ano 137, nº 44742.  
Fonte: Acervo Estadão: <<<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160417-44742-nac-1-pri-al-1-not>>>. Acesso em: 20/10/2018.

As palavras com as cores sobre a imagem de Dilma são nomes os quais decidirão seu destino. O destino de Dilma não cabe à ela mesma, cabe aos decisores aqueles azuis, outros vermelhos. Nem mesmo exercer a função do seu emprego, que é governar o país, mediar seu destino, lhe cabe. Mais uma vez, temos embasado segundo o discurso do jornal, um percurso que é entregue ao destinatário-leitor sobre um sujeito social sob intimidação.

Segundo Benveniste (1975)<sup>14</sup>: cada membro (da unidade social) só descobre seu “si” no “entre-si”. Só é possível ter um destinatário, a partir de um destinador. Só é possível ter um oprimido, a partir de um opressor. Observamos, então, um discurso midiático conformador de simulacros do feminino ao tratar de mulheres em destaque na mídia como indivíduos-objetos, ferramentas de suas próprias funções - mães, esposas, funcionárias - ou sujeitas ao objeto de valor lhes imposto - corpo, comportamento, postura.

<sup>14</sup> BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Leila Neri. São Paulo: Ed. Nacional da Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

Segundo Trivinho, a visibilidade midiática é a condição de algo que se põe à existência, “se mostra e se auto promove, se faz perceptível como um existente e que, se assim não for, não existe.”<sup>15</sup>. Portanto, se para existir há a necessidade de ser visualizado por alguém para se pôr visível no mundo, chega ao sujeito destinatário apenas o que lhe é glocalmente compartilhado, obedecendo parâmetros histórico-culturais dos indivíduos-objetos obtidos no ato de sua produção de informação. Em vista disso, embasando-nos nos percursos gerativos presentes pelo discurso jornalístico dessas duas capas, temos um simulacro da mulher brasileira presidente, não sujeito de si mas sim exercendo uma posição de objeto, passivo de violência e silenciamento.

#### IV. Conclusões

A política é uma formação estrutural, cuja função acaba por delegar vozes aos seus representantes. O conteúdo divulgado nos meios de comunicação são formadores de opinião de massa, portanto, seu posicionamento diante do público é sempre político. Não é recente termos corpos femininos midiaticizados e comercializados pelos meios de massa, mas com o auxílio da glocalização, a formação de comportamento e posicionamento tornam-se adestradores deste corpo.

Trazendo o conceito de glocal para a concepção de sociedade pós-disciplinar de Gilles Deleuze em seu *Post Scriptum Sobre as Sociedades de Controle* (1992)<sup>16</sup>, o autor retrata uma sociedade de controle, cujas instituições de confinamentos de moldes são substituídas por controles de modulação. Então, o poder sobre os indivíduos torna-se intrínseco: não está nem personificado em uma figura dominante, nem dentro das instituições, ele se movimenta através dos indivíduos, é permanente e muda continuamente. A vigilância processada através do glocal age de forma violenta e transpolítica<sup>17</sup>, cuja sociofenomenologia imperceptível se

---

<sup>15</sup> Os outros dois são esses o “[1] espaço socioesférico longitudinal invisível, imaterial, tecno espectral de circulação/migração intermediática imprevisível de signos; e [2] dimensão-superfície cultural polissêmica de projeção dos resultados de estratégias e práticas de (auto)exposição e (auto)promoção.” TRIVINHO, 2012, p. 112.

<sup>16</sup> DELEUZE, Gilles. *Post Scriptum Sobre as Sociedades de Controle*. - Ed. 34 – Rio de Janeiro, 1992, p. 219-226.

<sup>17</sup> Conceito de *violência transpolítica* concebida por Trivinho em *Glocal, visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real*. Trivinho, Eugênio. - São Paulo: Annablume, 2012. p. 34.

instaura como processo autopoiético, ou seja, de autônoma produção entre sujeitos gerenciadores para além da capacidade de planejamento, administração e controle dos indivíduos permanentes.

A vigilância, portanto, se dá pelo glocal pelas presentificações exprimidas nas mídias, na perpetuação do poder que circula entre elas, e na repressão intrínseca de cada sujeito de submeter a essas impressões. A sensação obtida pelas interpretações dos simulacros aqui propostos é também uma presentificação de poder, dentro da lógica de uma sociedade de controle. O cumprimento dos posicionamentos adestradores pela mídia acabam também por, dromocrática e fragmentadamente, reafirmar o pensamento misógino do homem sobre a mulher, o pensamento reproduzido da mulher pela mulher e da sociedade de frente à mulher, partindo de incertezas estruturais e biopolíticas<sup>18</sup>. Por assim dizer, a objetificação feminina ainda centraliza-se como uma forma de violência transpolítica e vigilante.

## Referências

- AGAMBEN. Meios Sem Fim: Notas sobre a política. - Belo Horizonte: Autentica, 2015.
- ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. Michel Foucault e a Teoria de Poder. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 7(1-2): 105-110, 1995.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: Fatos e Mitos / Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Millet. - 3.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral. Tradução de Maria da Glória Novak e Leila Neri. São Paulo: Ed. Nacional da Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. - 11. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, São Paulo, 2016.
- COSTA, Rogério da. Sociedade de Controle. São Paulo: São Paulo Em Perspectiva, 2004, p. 161-167.
- DELEUZE, Gilles. Post Scriptum Sobre as Sociedades de Controle. - Ed. 34 – Rio de Janeiro, 1992, p. 219-226.
- FOUCAULT, Michel. É preciso defender a Sociedade - 1ª Edição - São Paulo: Livros do Brasil, 2006
- \_\_\_\_\_, M. A Microfísica do Poder. Tradução: Roberto Machado. - 4. Ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- \_\_\_\_\_, M. Vigiar e Punir: O nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. - 42. ed. - São Paulo: Vozes, 2014.
- Gentlemen's Quartely Brasil. Nº 80, novembro de 2017. Edições Globo Condé Sat.
- GREIMAS, A. J. Da Imperfeição. Pref. e Trad. Ana Claudia de Oliveira; Apresentações de De L'Imperfection Paulo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski. – 2. Ed. - São Paulo: Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.
- \_\_\_\_\_, A. J.; COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. 2 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

---

<sup>18</sup> O conceito de biopolítica é o estudado em M. Foucault, que, em seu curso no *Collège de France* (Paris: 1975-1976) o explana como aquele domínio da vida sobre o qual o poder se estabeleceu o controle.

- \_\_\_\_\_, A. J.; \_\_\_\_\_, J. Semiótica: diccionario razonado de la teoria del language. Tomo II. Biblioteca Românica Hispânica, Gredos, 1986.
- LANDOWSKI, E. A Sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica. Tradução: Eduardo Brandão. – 1. Ed. - São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei de. Discurso midiático como experiências do sentido. Por uma tipologia das interações discursivas. Anais do XIX Encontro da COMPOS/ PUC Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2010.
- SILVA, Simone Bueno da. A Construção do corpo na mídia semanal. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- SLOTERDIJK, P. No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica. Trad. Claudia Cavalcanti. - São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- \_\_\_\_\_, P. O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. Trad. Claudia Cavalcanti. - São Paulo, Estação Liberdade, 2002.
- TRIVINHO, Eugênio. Glocal, visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real. - São Paulo: Annablume, 2012.